

Learning by Ear – Aprender de Ouvido

Direitos das crianças e trabalho para a paz

1º Episódio: Crianças-soldado

Tema: Crianças em tempos de guerra

Autor: Adrien Demun (Uganda) !!!NB: Pseudónimo = Henri Leenhardt!!!

Editor: Sandrine Blanchard

Tradução: Madalena Sampaio

PERSONAGENS:

- Voz feminina para Intro e Outro
- Narrador (voz masculina): cerca de 25 anos
- Kitembo Mukisa (Lingala): rapaz de 20 anos
- Umirembe (Lingala): rapaz de 20 anos
- Faustin (Francês): homem adulto

LbE Soundtrack

Intro:

Olá! Bem-vindos ao “Learning by Ear - Aprender de Ouvido” e à nova série sobre direitos das crianças e trabalho para a paz. Hoje vamos até ao Uganda para conhecer dois rapazes congolese, Kitembo e Umirembe. Costumavam ser inimigos, mas partilharam um destino semelhante: foram ambos crianças-soldado. Ainda muito novos, viram-se envolvidos num conflito que absolutamente não era da sua responsabilidade. Testemunharam cenas de violência extrema e eles próprios cometeram atrocidades que nunca serão capazes de esquecer.

1. Atmo: Bilhar

(SFX: Pool)

2. Narrador:

Kisembo Mukisa e Umirembe têm agora vinte anos. À primeira vista, não parecem diferentes de outros jovens da sua idade. Também gostam de jogar bilhar. Mas Kisembo e Umirembe presenciaram atrocidades inimagináveis. Ainda não tinham catorze anos quando participaram numa das guerras tribais mais mortíferas dos últimos dez anos. Um conflito entre os agricultores Lendu, originários do Sudão, e os pastores Hema, que eram provenientes do Uganda e, numa época mais recuada, do sudeste da Etiópia. O conflito decorreu de 1998 até 2003, na região Ituri no leste da República Democrática do Congo, ou RDC. Kisembo Mukisa recorda o dia em que a sua infância terminou.

3. O-Ton Kisembo (Int.1, Lingala):

“Saí com alguns amigos. Fomos à cidade dar uma volta. Quando cheguei a casa, uns vizinhos disseram-me que a minha casa tinha sido atacada por Lendus e que o meu pai, a minha mãe e a minha irmã mais nova tinham sido violentamente assassinados.”

4. Narrador:

Kisembo estava assustado e fugiu para o mato. Foi em 2002. Tinha treze anos de idade. A guerra entre os Hemas e os Lendus devastava a região há quatro anos, desde o início da ocupação ugandesa. Até ao dia em que perdeu a sua família, Kisembo não se tinha sentido directamente envolvido no conflito. Mas naquele dia, em 2002, seguiu pela estrada de Musipela, uma área exclusivamente Hema em Bunia, a capital da província de Ituri. Queria ajuda e vingança.

6. Narrador:

Kisembo alistou-se imediatamente na UPC, a União dos Patriotas Congolezes, um grupo político armado liderado por Thomas Lubanga, indiciado pelo Tribunal Penal Internacional por recrutar crianças. Era então apoiado pelo Uganda e pelo Ruanda. Kisembo lembra que, nessa altura, o recrutamento de crianças parecia normal:

7. O-Ton Kisembo (Int. 2, Lingala):

“Quando chegámos a Musipela, havia muitos membros das milícias. Disseram que tínhamos que nos juntar à UPC, porque pertencíamos à tribo Hema. Era um dever, diziam eles. Não tínhamos escolha.”

8. Narrador:

Kisemba foi enviado para um campo de treino militar em Mandro, a sete quilómetros de Bunia.

Mas a vida no campo de treino de Mandro não era nada comparada com os horrores que se seguiriam. Kisembo foi enviado para atacar aldeias Lendu inimigas, juntamente com outras crianças Hema.

13. O-Ton Kisembo (Int. 5, Lingala):

“Bosco Ntaganda, o comandante de operações, dizia-nos que aldeia Lendu tínhamos de atacar. A ordem era para matar toda a gente sistematicamente, sem excepções. Primeiro, matávamos todos os Lendus que encontrávamos em Bunia. E depois íamos para as aldeias, como Zumbe ou Songolo.”

14. Atmo: Bilhar

(SFX: Pool)

15. Narrador:

A milícia a que Kisembo pertencia nunca permitiu que alguém sobrevivesse. Pensa-se que terão sido mortos em Mongbwalu pela UPC uns oitocentos civis, só entre 2002 e 2003. De acordo com a Rádio Okapi, a rádio das Nações Unidas na zona, Thomas Lubanga decretou que cada família que vivia nas zonas sob o seu controlo tinha de participar no esforço de guerra doando gado, dinheiro ou até mesmo uma criança para os rebeldes da UPC.

16. Atmo: Bilhar

(SFX: Pool)

17. Narrador:

Umirembe, que hoje está a jogar bilhar com Kisembo, em Kampala, tinha doze anos e estava a sair da escola quando ele e os seus amigos foram raptados por uma milícia Lendu. Foi no ano de 2000. Também ele foi imediatamente enviado para um campo de treino.

18. O-Ton Umirembe (Int. 6, Lingala):

“A vida era muito dura. Tínhamos de fazer exercícios de treino. Correr, etc. Depois mandavam-nos ir a esta e àquela aldeia, para saquear e trazer raparigas para os chefes. Nós também as violávamos.”

18. Narrador:

As operações das milícias Lendu intensificaram-se:

19. O-Ton Umirembe (Int. 7, Lingala):

“Atacámos aldeias Hema à volta de Bunia, como Bogor, Tchey, todas as aldeias Hema.

Disseram-nos que se encontrássemos um Muhema na aldeia ou na estrada, tínhamos de fazê-lo parar e perguntar-lhe que bens tinha. Logo que encontrássemos o que queríamos, devíamos roubá-lo e matá-lo. Se encontrássemos raparigas, violávamo-las e matávamo-las, tal como a todas as outras Muhemas.”

20. Narrador:

Mas em 2003, as milícias Hema entraram na aldeia de Bogoro, a aldeia de Umirembe. Mataram toda a sua família, depois de terem violado a sua mãe. Umirembe esteve escondido na floresta durante dois anos. Ao mesmo tempo, Kisebo, uma criança-soldado Hema, abandonava as armas para se reintegrar na sociedade civil congoleza. Conseguiu beneficiar de um programa de desarmamento voluntário e de reinserção, que foi posto em prática depois de 2004. Recebeu cem dólares das Nações Unidas por entregar a sua arma.

Sozinho, cansado e sem dinheiro, Kisebo decidiu atravessar o Lago Alberta para tentar a sua sorte no Uganda. Conheceu muitos exilados congolezes em Kampala, incluindo Faustin Katanga. Este antigo inspetor da polícia em Bunia foi forçado a fugir da República Democrática do Congo durante a guerra, porque sabia demais sobre muitas pessoas que podiam ser perigosas. Ele recorda o recrutamento de crianças:

23. O-Ton Faustin (Int. 9, Francês):

“Os chefes começaram a recrutar crianças. Era claro que cada tribo estava a ser atacada. Por isso, as crianças, tanto rapazes como raparigas, tinham de ser recrutadas para lutar contra a outra tribo.”

24. Narrador:

Cedo, o recrutamento tornou-se sistemático e forçado. Faustin Katanga:

25. O-Ton Faustin (Int. 10, Francês):

“No início, era um movimento voluntário, da parte das tribos. Mas depois começaram a forçar as pessoas a mandar os seus filhos porque alguns pais se recusavam. Mas, de qualquer maneira, eles eram recrutados. Às vezes, quando era suposto as crianças voltarem da escola, descobríamos que estavam em Mandro ou em Sota – esses eram os campos Hema. Ou que tinham ido para Ngéti – que era onde estavam os Lendus. Era assim que as coisas aconteciam.

26. Narrador:

Este conflito inter-étnico foi alimentado por países vizinhos, como o Uganda ou o Ruanda que estiveram mais ou menos envolvidos. Muitas organizações não governamentais condenaram este facto. Um simples combatente, Kisembo Mukisa lembra o papel ambíguo dos países vizinhos:

27. O-Ton Kisémbó (Int. 11):

“O exército ugandês estava lá, mas a fazer jogo duplo. O exército ugandês deu-nos munições para atacarmos a cidade de Bunia. Mas também deram armas aos Lendus quando os atacámos.”

28. Narrador:

No exílio em Kampala, as duas antigas crianças-soldado vivem precariamente. Às vezes, os amigos ou grupos de religiosos ajudam-nos. Mas os belicistas na República Democrática do Congo não pousaram as suas armas. Em 2008, dois dos sete grupos de milícias ainda estavam activos. Vinte e cinco mil integrantes de milícias e onze mil crianças foram desmobilizadas. Foi por isso que as Nações Unidas lançaram um plano de acção humanitária na RDC, com dez por cento a ir para Ituri. Esperam conseguir que se rendam mil e quinhentos dos insurgentes que continuam a recrutar crianças à força.

Kisémbó Mukisa:

29. O-Ton Kisémbó (Int. 12, Lingala):

“A revolta ainda não acabou. O recrutamento de membros jovens para as milícias continua hoje, mas em segredo. Há pessoas em Kampala que foram incumbidas de recrutar crianças-soldado. É um negócio.”

30. Narrador:

Nem Kisémbó Mukisa nem Umirembe planeiam alguma vez voltar a pegar em armas. A guerra acabou para eles. Mas a sua mágoa está só a começar. Kisémbó Mukisa:

31. O-Ton Kisémbó (Int. 13, Lingala):

“Perdoar, sim, é possível. Posso fazê-lo. Mas o massacre da minha família será sempre uma mancha no meu coração.”

32. Narrador:

Entre 2002 e 2003, mais de oito mil pessoas morreram em massacres em Ituri e mais de oitocentas mil foram deslocadas. A MONUC, a Missão da Organização das Nações Unidas na República Democrática do Congo, disse, em 2004, que estes foram “dos mais desastrosos números de mortes no mundo.”

Música final

Música: Arch. Nr 4084613000

Outro:

E assim termina o primeiro programa da série do Learning by Ear – Aprender de Ouvido sobre direitos das crianças e trabalho para a paz. Uma reportagem de Kampala, Uganda, da autoria de Henri Leenhardt.

Lembrem-se de que podem voltar a ouvir este episódio ou deixar os vossos comentários, visitando a nossa página web em:

www.dw-world.de/lbe

[w w w ponto d w traço w o r l d ponto d e barra l b e]

Também podem mandar um e-mail para:

afriportug@dw-world.de

Para saber como ouvir o podcast dos episódios do Learning by Ear -
Aprender de Ouvido, é só irem à página web :

www.dw-world.de/lbepodcast

[w w w ponto d w traço w o r l d ponto d e barra l b e Podcast]

Até à próxima!